A narrativa amazônica de José Veríssimo e Inglês de Sousa sob influência do relato de viagem

Juliano Fabrício de Oliveira Maltez[1]

Resumo

Seguindo a orientação de que a narrativa ficcional apropria-se de discursos não literários procuramos compreender como o modelo do discurso científico, hegemônico do século XIX, o relato de viagem, pode influenciar a construção das narrativas breves do baixo Amazonas *Cenas da Vida Amazônica* de José Veríssimo e *Contos Amazônicos* de Inglês de Sousa. Seja na descrição das paisagens à Humboldt ou nas passagens de estudos etnográficos do casal Agassiz, alguns aspectos descritivos que foram revistos para a composição de novos textos literários.

Palavras-chave

narrativa amazônica; Humboldt; Agassiz; José Veríssimo; Inglês de Sousa

1 Pós-graduando em Literatura Brasileira, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail para contato: juliano.maltez@usp.br.

Introdução

Os livros *Cenas da vida amazônica* (1886) de José Veríssimo (1857-1916) e *Contos amazônicos* (1893) de Inglês de Sousa (1853-1918) recentemente tiveram novas edições pela editora Martins Fontes, coleção "Contistas e Cronistas do Brasil". No caso de *Contos amazônicos* há outra edição pela Universidade Federal do Pará, de 2005, e que também procura resgatar escritores da região que ficaram esquecidos do grande público. Acompanhando essas novas edições, alguns textos críticos ampliam a fortuna crítica dos autores que deixam de ocupar apenas a designação classificatória da escola naturalista, e passam a ser percebidos dentro de um contexto de maior complexidade.

Seguindo a tese de Roberto González Echevarría em *Mito y archivo: una teoría de la narrativa latinoamericana*, na qual as relações que a narrativa estabelece com formas de discurso não literárias são muito mais produtivas e relevantes das que têm sua própria tradição, escolhemos por uma análise que se detenha mais em compreender como o modelo do discurso científico, hegemônico do século XIX, dedicados ao estudo da natureza e sociedade americanas, seja por seu caráter de organização de conhecimento, por autoridade acadêmica e pela posição de seu enunciador referencial serviu à ficcionalização da região amazônica.

O objetivo é relacionar a forma da narrativa curta com um imaginário ou discurso amazônico, e para isso, pode-se explicitar o papel da literatura de viagem como um possível suporte de correlação para a região amazônica, como observa Mary Louise Pratt sobre os relatos de Alexander von Humboldt como textos que serviam ao público europeu como reinvenção "ligada a prospectos de grandes possibilidades expansionistas" (1999, p. 197) e tinham como características formais "combinar a especificidade da ciência com a estética do sublime" (p. 213). Neste entrecruzamento da história e da ficção como criações discursivas, resulta uma obra que influenciou até mesmo os textos crioulos de independência hispano-americana com um propósito de subjetivação da elite local.

Em *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna* de Francisco Foot Hardman faz-se menção aos viajantes que constituíram os

caminhos estéticos amazônico:

> Entre fontes mais antigas, é certo que a literatura de cronistas e viajantes, desde o século XVI, ao erigir o "real-maravilhoso" como matéria-prima temática de suas construções sobre a Amazônia, constituiu acervo considerável de elementos passíveis de serem apropriados e retraduzidos, já no século XIX, por toda a literatura ficcional, do romantismo aos vários modernismos, a partir pelo menos de 1870. Poderíamos lembrar, entre autores-viajantes, na plêiade de exploradores e naturalistas que, entre os Setecentos e os Oitocentos, repercutiram depois em autores brasileiros, de Rodrigues Ferreira, Bates, Wallace, Castelnau, Coudreau, casal Agassiz, Chandless etc. Seria vetada, em princípio, a menção a Humboldt (...). Mas o peso do autor-viajante germânico foi decisivo, seja pela forte recepção de sua obra no imaginário e relatos de autores de nossos países vizinhos, seja pelas leituras diretas ou indiretas certamente feitas no Brasil. (2009, p. 26)

Entre os autores referidos no texto de Hardman optamos inicialmente por observar e relacionar aos textos dos autores obidenses Humboldt e o casal Agassiz, levando-se em consideração as descrições paisagísticas e as etnográficas.

1. *Viagem às regiões equinociais do Novo Continente* (1799 - 1804) de Alexander von Humboldt

Uma das características formais dos fragmentos sobre a Amazônia de Humboldt são suas longas descrições da natureza, tomado pela ideia de que o espaço narrado sobrepuja os povos "bárbaros", em outras palavras, qualquer narrativa dramatizada responderia a uma natureza imponente como personagem principal, deixando em segundo plano os nativos da América, os quais são mencionados sempre dentro de uma escala de civilidade na qual o homem branco europeu ocupa o topo da pirâmide etnográfica.

No livro sétimo da publicação original de *Viagem às regiões equinociais do Novo Continente* encontra-se a descrição do grande rio Orinoco:

> El río Orinoco, al dirigirse de Sur a Norte, se ve atravesado por una serranía de montes graníticos. Constreñido en dos puntos de su curso, se rompe con estruendo contra unas rocas que forman gradas y diques transversales. Nada tan imponente como el aspecto de estos lugares. Ni el salto del Tequendama cerca de Santa Fe de Bogotá, ni las grandes escenas de las Cordilleras han podido atenuar la impresión que en mí había

> producido la primitiva vista de los raudales de Atures y de Maipures. Cuando se halla uno situado de modo que abrace de una ojeada esa serie continua de cataratas, esa alfombra inmensa de espuma y de vapores iluminada por los rayos del sol poniente, créese ver el río entero suspendido sobre su lecho. (HUMBOLDT, Tomo IV, 1985, p. 9)[2]

Com uma narração que conduz a visão panorâmica das cataratas, Humboldt guia o leitor utilizando expressões como: "nada tan imponente"; "esa alfombra inmensa de espuma y de vapores", provocando o estarrecimento frente às forças naturais que nesta região seriam de proporções maiores daquelas já conhecidas na Europa, criando com o mesmo fervor o que outros viajantes produziram para África e Ásia como quadros descritivos, aguçando com os recursos formais uma visão criadora: "créese ver el río entero suspendido sobre su lecho.", algo que Pratt relaciona à estética do sublime quando a descrição da natureza passa a ser exemplo de forças imensuráveis, somando-se à especificidade da ciência que deve contribuir para o projeto de hegemonia européia.

Esta forma de representação da intensidade das forças naturais também ocorre no conto "O crime do Tapuio" de José Veríssimo, em fragmento que narra o momento em que o tapuio José passa com sua canoa por um estreito canal em véspera de ser atacado por uma sucuri:

> Varada a primeira e mais densa cortina de folhagem, achou-se num igapó – um grande estirão de mato alagado pelo lago na enchente e ainda não de todo abandonado por ele. Árvores alterosas, como soem ser as das terras firmes do Trombetas, direitas, de cascas pardacentas e rugosas, emergiam de dentro da água, escura e calma, como uma lagoa morta. Dos altos galhos pendiam, formando bambinelas pitorescas, fios de todas as grossuras e feitios de cipós e de lianas, a se refletirem naquelas águas paradas e negras, com sinuosidades intermináveis de serpente. (VERÍSSIMO, 2011, p. 90)

Distintamente de Humboldt, que elege a natureza como personagem principal,

2 "O rio Orinoco, ao caminhar de Sul ao Norte, vê-se atravessado por uma serrania de montes graníticos. Restringido em dois pontos de seu curso, rompe com estrondo contra umas rochas que formam degraus e diques transversais. Nada tão imponente como o aspecto destes lugares. Nem o salto de Tequendama próximo de Santa fé de Bogotá, nem as grandes cenas das Cordilheiras poderiam atenuar a impressão que em mim tinha produzido a primitiva vista dos caudais de Atures e de Maipures. Quando se acha alguém situado de modo que abrace de uma olhada essa série contínua de cataratas, esse tapete imenso de espuma e de vapores iluminada pelos raios do sol poente, acreditasse ver o rio inteiro suspendido sobre seu leito." (Tradução feita pelo autor)

em Veríssimo, o embate ocorre entre homem e natureza, correspondente ao cerne do naturalismo que dá o tom da descrição, como foi ressaltado por Antonio Dimas: "O crime do tapuio, por coincidência, sintetiza bem esse tipo de combate, que é tônica dos demais contos" (2011, p. XXX). A natureza que rivaliza com o homem é medida sempre pelas suas grandes dimensões, por meio de expressões como "mais densa cortina de folhagem", "um grande estirão de mato alagado", "árvores alterosas", "fios de todas as grossuras e feitios de cipós e de lianas" e "com sinuosidades intermináveis de serpente", nas quais se percebe incisivamente o uso de advérbios de intensidade e adjetivos cuja intencionalidade é agigantar a força antagonista, a natureza selvagem. Se na descrição humboldiana a natureza protagoniza oferecendo a sensação ao leitor do quão pequeno é o ser humano nestes espaços, em Veríssimo, a descrição de caráter mais minimalista também explora as potencialidades de uma floresta que responde, antagonista da ação humana.

No conto "Acauã" de Inglês de Sousa a floresta é vista com a mesma figuração de Veríssimo, no entanto, composta por uma voz ribeirinha tomada pelo imaginário popular amazônico:

> Raios caíram com fragor enorme, prostrando cedros grandes, velhos de cem anos. O capitão Jerônimo não podia mais dar um passo, nem já sabia onde estava. Mas tudo isso não era nada. Do fundo do rio, das profundezas da lagoa formada pelo Nhamundá, levantava-se um ruído que foi crescendo, crescendo e se tornou um clamor horrível, insano, uma voz sem nome que dominava todos os ruídos da tempestade. Era um clamor só comparável ao brado imenso que hão de soltar os condenados no dia do Juízo Final. (SOUSA, 2005, p. 70)

O personagem Capitão Jerônimo Ferreira de volta da caçada de pouco êxito acaba perdendo-se na mata aos arredores da cidade de Faro. Este fragmento antecede o momento em que Jerônimo, após uma noite passada ao relento, acha uma menina dentro de uma canoa que se aproxima da margem do rio Nhamundá. Os fenômenos naturais são narrados com a mesma grandiosidade dos demais autores; expressões como "fragor enorme", "cedros grandes", "velhos de cem anos", imprimem ao leitor esta noção de imensidade junto com o movimento em que a narrativa dá à natureza sua

personalidade monstruosa.

2. *Viagem ao Brasil: 1865-1866* (1868) de Louis Rodolph Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz

Correlacionado com a influência descritiva, aponta-se também, o conceito de auto-etnografia: "representação de si mesmos de forma comprometida com os termos do colonizador" (PRATT, 1999, p. 32). O emprego de expressões constituídas ao longo da história de dominação europeia sobre os povos conquistados estavam presentes no próprio discurso americano. Podemos, neste ponto, somar à nossa discussão:

> **Vila de Breves.** *21 de agosto* – Atingimos ontem à noite a nossa primeira estação, a pequena vila de Breves. A sua população, como a de todos os pequenos estabelecimentos do Amazonas inferior, é o produto da mistura das raças. Vêem-se aí os traços regulares e a pele clara do homem branco, a grosseira e lisa cabeleira preta do índio, ou então as formas metade de negro, metade de índio que apresentam os mestiços cujos cabelos não possuem mais ondulações finas. Ao lado dessas misturas, mostra-se o puro tipo índio: fronte baixa, face quadrangular, ombros rigidamente em ângulo reto e muito altos, sobretudo nas mulheres. (AGASSIZ, 2000, p. 166)

O casal Agassiz, provenientes da América do Norte, em expedição científica pela Amazônia brasileira tinha como maior objetivo a coleta de novas espécies de peixe; o chefe da companhia, Luís Agassiz, pensava revolucionar a ictiologia, deixando em seu relato uma série de descrições da natureza e estudos etnológicos da população amazônica que influenciou de maneira mais marcante os textos de Veríssimo, o qual também seguiu produzindo estudos etnológicos.

Em "O crime do tapuio" o narrador onisciente de José Veríssimo utiliza de termos etnográficos para designar as relações humanas, como bem assinala Dimas: "Na gradação daquele conjunto humano que se reúne na sala do júri, José Tapuio é o último da fila, sem nenhum direito à descrição por parte do narrador" (2011, p. XXXIII). No estudo etnológico "As populações indígenas e mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes", que antecedia a primeira edição de *Cenas da vida amazônica*, Veríssimo caracteriza o tapuio da seguinte maneira:

> A essa população que habita as margens do grande rio e dos seus numerosos afluentes, vivendo a nossa vida, contribuindo para a nossa receita, trabalhando nas nossas indústrias, e que não é nem o índio puro, o brazilio-guarani, nem os seus descendentes em cruzamento com o branco, o mameluco, é que, parece-me, cabe o nome de Tapuia. (...) a palavra tapuio (tapyia, y igual ao u francês, porém gutural) era, como o bárbaro dos romanos, uma denominação genérica do desprezo, que se davam entre si os indivíduos de outras tribos, e que naquela língua significava não só o hostil, o inimigo, mas o escravo. (VERÍSSIMO, 1887, p. 299)

Veríssimo, mesmo antes de compor sua ficção, tinha já praticado a prosa etnográfica que de forma ambígua tanto enaltecia a miscigenação que rompia os preconceitos das sociedades tradicionais da Europa como reproduzia o discurso de Agassiz que justificava a profunda degradação da população resultado das intermináveis misturas entre raças. O aspecto etnográfico será determinante na construção das personagens nos contos de Veríssimo, inclusive para o enredo.

Nas narrativas dos contos de Inglês de Sousa, por sua vez, os nomes de personagens sempre estão acompanhados com termos etnográficos: "A velha tapuia Rosa já não podia cuidar da pequena lavoura que lhe deixara o marido" (SOUSA, 2005, p. 29). No entanto, neste autor os termos e a própria visão etnográfica passa a ser menos relevante. Em alguns contos do livro a narração dada pela boca de Estevão Pimenta, contador de histórias, tem como característica predominante a reelaboração do imaginário ribeirinha, lendas e mitos amazônicos, os quais o discurso "científico" da maioria dos viajantes do XIX e inclusive muitos literários locais procuraram desmistificar.

Referências bibliográficas

AGASSIZ, Jean Louis Rodolph; AGASSIZ, Elizabth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Brasília: Senado Federal, 2000.

DIMAS, Antonio. "Introdução". Em VERÍSSIMO, Inglês. *Cenas da Vida Amazônica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

ECHEVARRÍA, Roberto González. *Mito y archivo: una teoría de la narrativa latinoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000. (1ª ed. 1990)

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HUMBOLDT, Alejandro de. *Viaje a las Regiones Equinocciales del Nuevo Continente*. Tomo I, Caracas: Monte Avila Editores, 1985.

_____. *Viaje a las Regiones Equinocciales del Nuevo Continente*. Tomo IV, Caracas: Monte Avila Editores, 1985.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

_____. *Contos Amazônicos*. Belém: UFPA, 2005.

VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*. Antonio Dimas (org.) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *As populações indígenas e mestiças da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes*. Em Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Período: 1876-1900 (busca: 1887/tomo L – primeira parte). http://www.ihgb.org.br/rihgb.php.